

Sem acesso, a não ser voando

Um buracão no chão não precisa ser, necessariamente, uma tragédia. Pode ser também um criadouro perfeito

texto e fotos LIANA JOHN



Águas subterrâneas correm por dentro de rochas frágeis e porosas. Pequenas dissoluções químicas minam gradualmente as estruturas geológicas. A superfície continua com a mesma aparência, sem dar sinais da transformação em curso lá embaixo. E, um dia, tudo entra em colapso: o chão oco cede e se abre numa cratera sem qualquer relação com lavas ou vulcões. Não, não se trata do acidente ocorrido na linha 4 do metrô paulistano, às margens do rio Pinheiros, em janeiro. Estamos falando de dolinas naturais, 'buracões' geralmente associados a solos de relevos cársticos, cuja base é calcária, mas que podem ocorrer também em outros tipos de rocha, como arenitos.

A palavra dolina é eslovena e quer dizer 'pequeno vale'. Quando a água é abundante o fundo do 'buracão' pode abrigar uma lagoa. Ou se transformar no sumidouro de um rio, que corra parcialmente por dentro de alguma caverna.

No município de Jardim, região de Bonito, Mato Grosso do Sul, fica uma dolina em arenito, conhecida como 'Buraco das Araras', o mesmo nome de uma outra dolina — essa cárstica — localizada em Formosa, Goiás. A cratera da primeira, quase circular, de paredes verticais, tem 124 metros de profundidade e diâmetro superior a 500 metros. Uma trilha a circunda totalmente, com direito a paradas em dois mirantes de madeira, de onde se pode observar a fauna.

Os paredões, livres de qualquer acesso por trilha ou túnel, exibem inúmeras reentrâncias, formam nichos perfeitos para os ninhos das araras vermelhas (*Aratinga holopteryx*) que por ali vivem aos pares, sempre alternando namoros e gritos em meio à vegetação das bordas e do fundo da dolina. Também são esconderijos 'de encomenda' para colônias de morcegos, que saem em densas revoadas ao entardecer. Sem contar os numerosos enxames de abelhas, marimbondos e outros insetos, igualmente abrigados naquele 'condomínio' natural. Na estação chuvosa, a água se acumula e a lagoa do fundo toma quase metade do espaço, toda coberta de plantas aquáticas. Na estação seca, as águas recuam, mas aparentemente são suficientes para manter vivo um casal de jacarés-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), que não se sabe bem como chegou lá e do que sobrevive o ano inteiro.

Houve época em que turistas e aventureiros podiam descer de rapel. Mas tinham que voltar no braço, escalando os paredões. Para não perturbar as araras, sobretudo durante a época de reprodução, essas atividades foram encerradas. Também houve época — há mais tempo — em que a dolina servia como depósito de lixo e para o descarte de carros roubados ou até cadáveres. Felizmente a vegetação retomou seu lugar e a fauna se aposou do abrigo. Agora, entrar e sair de lá é só para quem tem asas!